

Segundo Editorial EN-RE Espanha Setembro de 2025

Espanha, o segundo maior Estado da Europa, é um país amplamente descentralizado, com 17 comunidades autónomas regionais, cada uma com o seu próprio Parlamento e executivo. A maioria delas é atualmente governada pelo PP (Partido Popular) (centro-direita), com o apoio do Vox (um partido populista de extrema direita).

O governo central é uma coligação social-democrata minoritária baseada no PSOE (Partido Socialista) com apoio variável de partidos moderados e de extrema-esquerda (Sumar) e (Podemos) e de partidos regionalistas nacionalistas de centro-direita e de esquerda.

A oposição é constituída pelo PP, um partido conservador de centro-direita que não renunciou ao regime de Franco e favorece a privatização dos serviços públicos e reduções fiscais que favorecem especialmente os eleitores com rendimentos elevados. O PP venceu as últimas eleições gerais, mas sem maioria, o que o torna refém do Vox, que tenta provocar animosidade racista contra os imigrantes africanos e, especialmente, os muçulmanos.

Tanto o PP como o Vox demonstraram a sua incapacidade de governar no interesse da maioria dos cidadãos, negando as alterações climáticas e reduzindo as despesas com o desmatamento florestal e a reorganização dos potenciais danos causados pelas inundações, o que levou às inundações massivas na região de Valência, que causaram mais de 200 mortes e graves prejuízos económicos à região. Isto também levou aos enormes incêndios florestais que assolaram o oeste de Espanha durante o verão de 2025.

Quase todos os partidos espanhóis sofrem com a corrupção de uma minoria dos seus membros, o que alimenta a ideia de que a democracia não pode proporcionar soluções eficientes para a injustiça social e leva os cidadãos a perderem o interesse pela política.

A economia espanhola tem a taxa de crescimento mais elevada da Europa, em parte graças ao aumento da população de jovens trabalhadores imigrantes da América Latina e de África, que compensam a baixa taxa de natalidade das famílias espanholas.

O turismo e as exportações geram uma receita importante para o PIB, mas há uma desigualdade crescente devido, em parte, à tributação insuficiente dos rendimentos e patrimónios elevados e à falta de uma reforma fiscal eficiente que beneficie as pessoas com baixos rendimentos.

O Governo Central acredita na maximização dos serviços sociais públicos de alta qualidade, enquanto a oposição é a favor da redução da tributação e da privatização dos serviços sociais nas regiões onde governa.

No que diz respeito às relações internacionais, o Governo é a favor de uma maior integração na UE, amplamente apoiada pela maioria da população, da defesa da Ucrânia sem comprometer os recursos orçamentais, da independência em relação às medidas impostas por Trump, do fim do genocídio em Gaza e da aplicação da política dos dois Estados com a reconstrução de Gaza e da Transjordânia pela UE.

A Igreja Católica em Espanha ainda beneficia de uma relação especial criada durante a Guerra Civil, enquanto o Estado apoia as recomendações não confessionais do Conselho da Europa. Alguns bispos reacionários ainda apoiam o Vox e o PP, mas, em geral, a Igreja Católica segue as recomendações dos Papas Francisco e Leão na promoção da igualdade de direitos para todos os cidadãos, independentemente das suas crenças religiosas ou origem social e étnica. A juventude

espanhola é principalmente irreligiosa, mas procura a aplicação da justiça social e dos direitos humanos.

25/09/25 Um amigo e colega espanhol enviou-me o seu comentário:

Para acrescentar algo mais, penso que devemos mencionar o crescente confronto político, com tensão e insultos, em que a política espanhola está envolvida. Este confronto, por vezes envolvendo insultos, torna praticamente impossível uma ação governamental eficaz, uma vez que existe um parlamento fragmentado em que os interesses de cada partido são muito contraditórios, o que facilita posições de força para setores minoritários e dificulta a obtenção de acordos. Se acrescentarmos a isso o facto de que os dois principais partidos – especialmente o PP – não estão dispostos a moderar a sua retórica e chegar a acordos, e que alguns dos partidos que poderiam ser a chave para os acordos e que alguns dos partidos que detêm a chave para os acordos são a favor da independência e desejam apenas benefícios para a sua região e a conquista da independência, temos um cocktail muito difícil de misturar.